



# Gerdau defende ação para segurar o dólar

Empresário sugere tributar fluxos de capital. Brasil tem déficit de US\$ 1,6 bi nas contas externas

Ronaldo D'Ercole e  
Patrícia Duarte

• SÃO PAULO e BRASÍLIA. O empresário Jorge Gerdau, do grupo siderúrgico Gerdau, cobrou ontem uma ação mais efetiva do governo para frear a valorização do real ante o dólar. Ele defendeu inclusive a mudanças tributárias para conter os fluxos de capital estrangeiro no mercado financeiro. Segundo Gerdau, com taxas de juros negativas nas grandes economias, "não tem cabimento" o investidor estrangeiro ser isento de impostos ao aplicar no Brasil. Em sua opinião, como não há pressões inflacionárias, os juros deveriam cair ainda mais, o que desestimularia os fluxos de investidores e permitiria ao Banco Central (BC) intervir no câmbio a custos menores.

— Não existe um câmbio ideal. Mas não pode cair mais, já caiu demais — advertiu Gerdau, em debate no "Segundo Encontro de Siderurgia", ontem em São Paulo.

Debatedor no mesmo painel, o ex-ministro Delfim Netto endossou o alerta.

— O que virá depois da crise para um país como Brasil, que precisa complementar o seu mercado interno com uma margem exportadora, é um processo extremamente competitivo e que está ligado sim à taxa cambial — advertiu Delfim

Gerdau acrescentou que, no setor siderúrgico, há sobra de aço no mundo e uma competição "extremamente grave".

## No ano, déficit em conta corrente é de US\$ 8,7 bi

Ontem, o presidente da Vale, Roger Agnelli, disse que a empresa não está em negociações com as siderúrgicas da China sobre o preço de referência do minério de ferro para 2009 e provavelmente manterá embarques a valores provisórios.

Em abril, a Vale concordou em conceder um desconto provisório sobre o preço acertado em 2008, até os novos valores serem fechados. Mas as negociações com as siderúrgicas da China fracassaram depois que os chineses se recusaram a aceitar uma redução contratual de 33% oferecida pela Rio Tinto e aceita pelas produtoras de aço da Coreia do Sul e Japão. A Vale, por sua vez, obteve das siderúrgicas coreanas e japonesas um desconto menor, de 28%.

Em julho, as transações correntes do país — operações de compra e venda de bens e serviços com o exterior — ficaram negativas em US\$ 1,665 bilhão, o dobro da previsão feita pelo BC, de US\$ 800 milhões. No ano, o resultado está US\$ 8,739 bilhões no vermelho, mas a expectativa do BC de encerrar 2009 com saldo negativo de US\$ 15 bilhões

está mantida. O déficit em transações correntes, porém, está sendo financiado pelos investimentos estrangeiros diretos (do setor produtivo) que somam US\$ 13,971 bilhões no ano.

Os números das contas externas brasileiras já refletem a recuperação econômica do país. Segundo o BC, em julho os turistas brasileiros deixaram lá fora US\$ 1,045 bilhão, patamar que não era alcançado desde o setembro negro do ano passado, quando ficou em US\$ 1,126 bilhão. E houve um ingresso de investimentos em ações de US\$ 6,698 bilhões, o melhor resultado desde dezembro de 2007 (US\$ 7,498 bilhões).

— À medida que a renda vai melhorando e o câmbio, se valorizando, vemos mais gastos de brasileiros no exterior — disse o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes.

Em julho, as remessas de lucros e dividendos das multinacionais registraram déficit de US\$ 1,751 bilhão, acima do esperado pelo BC. Já a balança comercial também afetou o resultado geral, com um superávit menor, de apenas US\$ 2,927 bilhões. Os investimentos estrangeiros diretos fecharam com saldo de US\$ 1,287 bilhão, sendo que neste mês, até ontem, já era maior: US\$ 1,4 bilhão. ■

Com agências internacionais

Editoria de Arte

